

A verdade vivida e inventada de Ernest Hemingway

Área: Ciências Humanas

Modalidade: Projetos desenvolvidos nas disciplinas do curso

Gustavo Suertegaray Saldivar

Orientação:

Adriane Veras

O ano de 1961 foi marcado pela morte de um dos mais importantes e influentes escritores do século XX: Ernest Hemingway cometeu o suicídio em seu sítio, nos Estados Unidos. Este fato abreviou a vida de um autor que instaurou uma série de novos paradigmas estilísticos e compositivos para a literatura de sua época, bem como deixou tanto crítica, quanto público, órfãos de suas novelas. Dentre as principais mudanças trazidas pelo autor de *O velho e o mar* à literatura, pode-se citar, talvez como tendo sido sua principal contribuição, a fidedignidade que procurou imprimir a seus textos. Hemingway ressignificou o termo verossimilhança ao fazer uso de elementos de sua própria vivência. Essa propriedade de sua obra levou algumas correntes críticas a buscar explicações e forjar interpretações a partir da história de vida do novelista norte-americano. Esta pesquisa, utilizando um aparato crítico diferenciado, buscou montar um arrazoado que conjugasse não só as ligações entre os acontecimentos mais relevantes da história do escritor, os quais serviram de base para a confecção de suas fábulas, e sua vida literária, mas também buscou entender a maneira como Hemingway pensava o fazer literário, o motivo pelo qual o criador utilizou suas experiências na construção de suas narrações, o que sobrepuja sobremodo as abordagens simplesmente biográficas. Os resultados parciais da pesquisa apontaram para um distanciamento interpretativo acentuado levando-se em conta as opiniões dos eixos analíticos tradicionais e, embora o trabalho careça ainda de uma melhor fundamentação, é possível relatar que, neste caso, a biografia do autor tem um papel apenas secundário no todo de sua obra, muito embora a técnica seja vista como inovadora e tenha alterado o modo de se fazer literatura no Ocidente.